

Transplantados retomam a vida

Uma nova consciência dos próprios transplantados de medula óssea, está acabando com o verdadeiro drama que se forma a fim de conqui-acabando com o verdadeiro drama que se forma a fim de conqui-acabando com o verdadeiro drama que se forma a fim de conquistar grandes quantidades de sangue humano. E que esse procedimento exige aproximadamente a participação de uma dezena de doadores, algo que o Banco de Sangue do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, não estava preparado para suportar. Então a solução foi apelar para os familiares dos pacientes que já têm correspondido plenamente, conforme indicam os médicos e o próprio diretor do Banco, Ayrton Russo.

Trata-se afinal de um "dever cívico", explica, ao demonstrar a cooperação que as populações dos locais de onde vêm os pacientes, têm oferecido. Se não fosse isso, não se sabe ainda como seria resolvido o problema, porque nenhum banco de sangue hospitalar do Brasil teria condições de suportar essa carga.

MAIS TRABALHO

Russo explica que a cada transplante programado, o que já está acontecendo pelo menos duas vezes mensais, essa unidade é a que mais trabalha. É difícil encontrar 20 doadores ou mais e ai constitui-se uma emergência, a qual os familiares estão amenizando com o apoio mediante doações voluntárias.

Mesmo depois desse transplante, o Banco tem que fornecer de seis a oito unidades de concentrado de plaquetas, determinados componentes do sangue total, responsáveis pela coagulação. Separadas do sangue total por processo de centrifugação, tais plaquetas vão para outro reci-

plente e se mantêm viáveis de utilização até 48 ou 72 horas.

SEM REJEIÇÃO

Uma das facetas mais importantes do transplante de medula óssea que a técnica já demonstra evolução, é a da tipagem sanguínea. Trata-se de uma característica perfeitamente dispensável hoje pela equipe do Hospital de Clínicas da UFPR, porque não ocorre o problema da rejeição se for transfundido sangue diferente da tipagem que tem o paciente. Ainda assim e com todo aparato de coleta montado nas cidades de origem dos transplantados, ainda tem ocorrido problema, devido a falta.

Ha que se considerar ainda que a moderna hemoterapia já excluiu do sistema a transfusão do sangue total. Conforme os casos são injetados somente os elementos que esteja necessitando o organismo no procedimento. Isso também ajuda a fortalecer determinadas reservas do Banco de Sangue.

O Banco separa uma série de produtos derivados do sangue bem como a papa de hemácias, hemácias lavadas, plasma, plaquetas e crioprecipitados do fator VIII. Além da indicação das plaquetas para os transplantados de medula óssea, são usadas em casos de leucemia, hemorragias e cirurgia cardiaca. Aqui também é empregado o chamado sangue total, pois se trata de procedimento cirúrgico em que há muito sangramento.

Pedro Zimermann de Moraes, é o que sobrevive há mais tempo, já que fez o transplante de medula óssea no dia 18 de julho do ano passado. Vai comemorar o "primeiro ano de vida" novamente. Veio de Segredo, município de Guarapuava e diz que o tratamento já dura mais de dois

anos, pois fazia quimioterapia antes do transplante. Pedro conta que teve momentos de muito sofrimento, de dor intima, porque é "uma coisa muito difícil enfrentar o problema depois de conhecê-lo". Pensava muito na família, especialmente na mulher e nos dois filhos, Delari César, 11 anos e Denilson Luiz, de 10 anos.

Antes de adoecer, Pedro era responsável pela administração de uma fazenda de relorestamento da firma Morro Verde. "Até as pequenas economias gastei, na tentativa de me salvar", diz. Não tem idéia de quanto custou o tratamento desde o começo da doença, mas está feliz agora, recuperado, trabalhando de novo no mesmo serviço, só que agora ajudando os colegas, pois não pôde voltar ao mesmo posto que ocupava antes de ficar doente. Além de não tem sido demitido, o diretor da empresa, José Barbosa, "ajudou bastante", arcando com parte das despesas de viagem do empregado.

A gente está tentando se reabilitar novamente e graças a Deus estou conseguindo superar aqueles momentos de tanta dificuldade". Pedro Zimermann de Moraes nem sabe quanto de salário recebe agora, porque voltou há pouco ao trabalho, mas está satisfeito com os colegas e com o proprietário da firma, "gente muito bacana" que entende o quanto Pedro sofreu, apoiando em todos os momentos. Não sabe contar o que é ter saúde de novo e agradece a todos que colaboraram para este "retorno à vida": os médicos, os serviços de enfermagem do HC e do Hospital Nossa Senhora da Graças, os doadores de sangue de Guarapuava, de Mangueirinha e do Batalhão de Palmas. "Não consigo lembrar de todo mundo, pois foram muitos os que me ajudaram. Só tenho a dizer: Deus os ajude e obrigado".